

PORQUE LER OS CLÁSSICOS JÁ?

Mayara Lindolfo Lizieiro BONFIM¹
 Vera Lúcia Martins MARINHO²
 Thaynara Leybiane de Souza RIBEIRO³
 Eliana Izabel SCURCIATTO⁴

RESUMO

A iniciação à leitura de muitos jovens estudantes se dá pela apresentação das obras ditas clássicas e que "caem" nos vestibulares. Seria essa a melhor maneira de despertar nos alunos o interesse pela leitura nos nossos dias? Não é isso que se tem percebido nas salas de aula de escolas públicas ou particulares. Essas obras não são somente uma forma de entretenimento, são fontes de conhecimento. Observar a visão de mundo descrita pelo contexto é uma forma de compreender o livro. Ler uma obra clássica pela primeira vez é comum entre os jovens, traz uma boa apreciação se for lida em um bom momento. Um livro bom deve ser relido, principalmente se houver amadurecimento do leitor, assim a obra será melhor contemplada. O presente artigo tem por objetivo discutir o papel da literatura na formação de leitores, estudando o porquê de os alunos já no ensino fundamental terem de ler obras clássicas, como esses clássicos são apresentados a eles e entender a sua resistência diante desse tipo de leitura. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica. É preciso deixar claro que este artigo não relata nenhuma crítica às literaturas clássicas e sim, como essas obras possam se tornar mais agradáveis aos alunos, já que a Literatura é considerada um bem cultural que leva a um melhor desempenho do leitor refletindo em sua formação humana e profissional.

Palavras-chave: Literatura. Obras clássicas. Leitura.

1 INTRODUÇÃO

A iniciação à leitura de muitos jovens estudantes se dá pela apresentação das obras ditas clássicas e que “caem” nos vestibulares. Seria essa a melhor maneira de despertar nos alunos o interesse pela leitura nos nossos dias? Não é isso que se tem percebido nas salas de aula de escolas públicas ou particulares.

O presente artigo tem por objetivo discutir o papel da literatura na formação de leitores, estudando o porquê de os alunos já no ensino fundamental terem de ler obras clássicas, como esses clássicos são apresentados a eles e entender a sua resistência diante desse tipo de leitura. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, pois, a partir das leituras realizadas, foi possível discutir se a iniciação à leitura pode ser feita com livros mais agradáveis ao gosto dos jovens alunos e se, somente mais tarde, é que os clássicos devem ser-lhes apresentados, pois nesse momento o hábito de ler já estaria consolidado.

Este artigo não traz críticas à literatura clássica já que a Literatura é considerada um

¹ Graduanda do curso de letras das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP – Funec, mayara_lindolfo@hotmail.com

² Graduanda do curso de letras das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP – Funec, veraeloro@hotmail.com

³ Graduanda do curso de letras das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP – Funec, thaynaraleybiane@hotmail.com

⁴ Docente das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP - Funec, elianascurciatto@hotmail.com

bem cultural que propicia ao indivíduo um melhor desenvolvimento intelectual e humanístico. As obras clássicas devem sim ser lidas pelos jovens, porém, apenas depois que estes já tenham desenvolvido o gosto pela leitura com livros lhes sejam mais agradáveis.

O presente artigo divide-se em uma primeira parte em que se discute o papel dos clássicos na literatura, uma segunda parte na qual se delineiam algumas maneiras de apresentar os clássicos aos alunos, uma terceira parte que discute a função que a leitura tem de atuar na esfera imaginativa do leitor e uma quarta em que é enfatizado o papel da leitura na escola. Seguem-se a essas partes as conclusões às quais chegamos após o trabalho de pesquisa.

2 CLÁSSICOS NA LITERATURA

Clássicos, as famosas obras bem escritas que passam para a posteridade, não são somente uma forma de entretenimento, são também fontes de conhecimento, cujos autores são verdadeiros artistas e poetas. Retratando os principais conflitos da existência humana, esses autores usam linguagem e estilo para despertar emoções em uma diversidade de personagens, fazendo com que o leitor compreenda melhor o mundo em que vive.

Segundo o Dicionário Soares (2009, p.149), *clássico* define-se como: “*adj.* 1. Modelo em belas letras; 2. Concernente à literatura grega ou latina; 3. Que serve de padrão, modelar, *sm*4. Autor de obra clássica; 5. Adepto do classicismo; 6. Aquilo que foi tradicionalmente consagrado como representativo ou com valor artístico”

A partir de quando então os alunos estariam prontos para ler esse tipo de leitura? Adaptação de leitura é uma das estratégias para fazer com que o aluno se aproxime das obras, lembrando que o professor também não deve se contentar somente com essas adaptações literárias, o aprofundamento da obra varia de acordo com a série em que o aluno está inserido. Obras literárias produzidas para teatro, TV e cinema também adaptadas são uma boa estratégia de incentivo, porém, o contato com texto original é imprescindível. Os professores veem as obras clássicas como uma leitura obrigatória a todo tipo de leitor. O conhecimento dos clássicos da literatura é cobrado em vestibulares e concursos, então, nas escolas, as aulas de literatura servem para a análise dessas obras. Mas, os alunos, em geral, não gostam muito desses livros pelo fato de conterem palavras difíceis e apresentarem uma narrativa mais complexa, o que exige um maior esforço de interpretação. Para motivar os alunos a lerem os clássicos da literatura, os professores teriam que começar auxiliando melhor esses alunos a buscarem leituras que lhes sejam mais agradáveis.

Não se pode deixar de falar das escolas literárias para que os alunos tenham um panorama sócio-histórico e cultural, para ter uma leitura mais detalhada das obras surgiram no passado e que o retratam, porém a forma como a literatura lhes é apresentada faz com que se sintam entediados, às vezes, afastando-os definitivamente da leitura.

Segundo Machado (2002, p.14-15), em seu “Como e por que ler os clássicos desde cedo”:

[...] Monteiro Lobato, por exemplo, dizia que obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura. 1. Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter sua disposição- de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. 2. Clássico não é livro antigo e fora da moda. É livro eterno que não sai da moda. 3. Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um. 4. O primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente.

A Literatura é imprescindível para o desenvolvimento do aluno e do ser humano em geral, sendo assim, é considerada um bem cultural que leva o indivíduo a um melhor desempenho como leitor, trazendo-lhe experiência, o que reflete em sua formação humana e profissional. De acordo com Calvino (1999, p. 11), “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”.

As obras clássicas mobilizam a imaginação e levam o leitor a questionamentos que antes desse contato não era capaz de fazer o que propicia o desenvolvimento humano, cultural e intelectual desse leitor.

2 COMO APRESENTAR OS CLÁSSICOS?

A leitura é muito importante na formação do ser humano. É ela quem dá o poder de expressão, faz despertar coisas que estavam adormecidas, como sentimentos e lembranças. A leitura é a chave para o cidadão crítico e deve ser mais buscada, principalmente por crianças e jovens, quanto mais cedo, melhor.

Partindo dessa premissa, o texto segue com base numa pesquisa realizada por Michèle Petit em *Os jovens e a leitura* (2008), onde foram analisadas algumas características da leitura.

Apesar dessa relevância do ato de ler, os adolescentes não exploram a leitura e também, geralmente, não se interessam por nada que esteja ligado a ela, preferindo assistir à televisão e/ou dedicar-se à música e aos esportes. Nos dias de hoje, ela disputa espaço com os games, as redes sociais e o celular. Um dos maiores desafios da educação é tornar os alunos críticos e leitores. Como declara Petit (2008, p.12):

[...] muitos mediadores têm a esperança de que o livro - que foi, e ainda é, um instrumento de poder, de discriminação - possa, hoje, dar lugar a sociabilidades abertas, onde a oralidade e a escrita se reconciliem, e onde cada um possa encontrar seu lugar, contribuindo com o que lhe foi transmitido, ou simplesmente escutando e deixando correr sua imaginação.

Segundo a autora, simbolicamente, o conhecimento é o livro. Este rouba o tempo, mas devolve conhecimento, tornando o leitor um ser grandioso e transformador. Sendo assim, os alunos devem ler e se preocupar mais com a leitura. Isso porque os discentes que têm a prática da leitura escrevem melhor, se comunicam melhor e são mais autônomos em relação à escrita e à fala. Têm um contato diferente com a leitura. No entanto, este grupo é uma minoria.

A maioria dos alunos não tem conhecimento completo da bibliografia do livro que lê, faz anotações malfeitas e incompreensíveis, não tem o hábito de fazer fichamentos, muito menos de leitura e menos ainda de frequentar a biblioteca. Conclui-se que estes estudantes, em decorrência da falta de leitura, não têm capacidade também de elaborar um texto coerente.

A leitura parece ser algo perigoso, pois existem muitos obstáculos que impedem o ato de ler. Por exemplo, bloqueios sociais, culturais e psíquicos. Os jovens temem o julgamento da sociedade e se preocupam com o que as pessoas dirão, o que prejudica o próprio indivíduo que se deixa influenciar pelo meio em que vive.

A leitura é um prazer solitário, não apenas no seu sentido literal, mas também no âmbito isolado, pois os adolescentes se isolam, se escondem. Os jovens, principalmente, possuem essa característica, eles se excluem ao ler, sentem vergonha, ficam distante do seu grupo. Isso acontece porque quem lê é tachado de *nerd*, não é bem-visto pelos colegas da escola, para estes os que leem bancam os espertalhões e não são os esforçados e estudiosos. Esta reação também afeta a prática da leitura, pois o indivíduo que passa por esse caso, aos poucos, vai deixando a leitura de lado.

Se os adolescentes não têm o hábito de ler, como despertar esse prazer? E como levá-los a ler clássicos da literatura?

A resistência em ensinar tem ocasionado a resistência em aprender. O professor tem que ser um leitor ativo, tem que ter experiência para saber fomentar a leitura, principalmente a leitura de obras literárias. O docente precisa despertar no aluno o gosto pela leitura. Isso

porque o ambiente escolar traz experiências fundamentais para a vida em sociedade, nele os educandos aprendem a magia da leitura como fonte de informações, saber e lazer e o educador é o principal transmissor da paixão de ler.

Não apenas o papel do professor no incentivo à leitura é fundamental, mas a contribuição da família também o é. A leitura deve ser estimulada desde cedo, principalmente quando a criança ainda não sabe ler, é preciso que algum adulto leia para ela. Assim, a criança vai percebendo o prazer que esta pessoa tem ao ler o livro, o que é instigante e aguça a curiosidade de ler também. Da mesma forma, os pais devem dar como presente livros adequados à idade dos filhos, e quando atingirem a adolescência, é recomendável que recebam os clássicos da literatura.

De acordo com sua função, o mediador deve familiarizar seus alunos com textos literários para que sintam mais confiança ao terem contato com os textos de caráter clássico. Também deve apresentar a eles a diversidade dos textos escritos, ressaltando que sempre terão algo com que se identificar, independentemente da época e do lugar e convidá-los a participar de leituras, ensinando-os a interpretar e analisar as obras clássicas. Isto não é forçar o aluno a fazer o que deve ser feito, mas é dar a ele a capacidade de construir uma conexão com essa leitura.

Petit (2008, p.207) prescreve: "A literatura deve ser um meio para que possamos enfrentar a tristeza da realidade, os nossos medos e o silêncio. Ela deve tentar pronunciar palavras, pois temos medo do desconhecido e do inominável". Geralmente, a leitura clássica possui vocabulário distante no tempo, o que leva os alunos a trocá-la por *best-sellers*. Essa complexidade presente em nossa língua traz medo aos alunos. O aluno deve deixar-se levar por essa leitura e não tentar decifrá-la ou dominá-la.

A leitura literária é mais emocionante e prazerosa se for compartilhada, discutida e analisada. Porém, a pesquisa que consta em Petit (2008) demonstrou que poucos leem e falam disso.

2.1 A escola como cenário mediador de literatura

O gosto pela leitura não se desenvolve apenas em torno de materiais diversificados sobre o tema, é essencial que se conviva com pessoas que se envolvam com tais materiais também. Por exemplo, em um ambiente familiar, na escola, quem já adquiriu esse gosto por ler mostra-se sensibilizado pela originalidade da linguagem ou até mesmo outros recursos utilizados pelos autores.

Um aspecto relevante é que o leitor precisa demonstrar interesse, estar entusiasmado com o que está lendo, compartilhar a experiência da leitura com quem o cerca. Dessa maneira, por intermédio da leitura prazerosa, o leitor é visto como um exemplo a ser seguido, transformando também outras pessoas em sujeitos leitores.

O despertar do gosto em leitura, principalmente de obras clássicas, é um caminho longo, mas fica mais interessante quando se vê alguém lendo uma diversidade de leitura, construindo gradativamente significados importantes.

Segundo Abreu, comentando a pesquisa do INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) cujo objetivo é de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira, entre 15 e 64 anos, há dados significantes em relação ao comportamento dos jovens e de outros leitores situados em outras faixas etárias:

Contrariando o propalado desinteresse dos jovens pela literatura, eles formam o grupo de leitores mais assíduos de ficção (44% das pessoas entre 15 e 24 anos dizem ler “romance, aventura, policial, ficção”) e de poesia (lida por 35% dos que estão nessa faixa etária). À medida que envelhecem as pessoas vão progressivamente se desinteressando da literatura: entre os 15 e os 24 anos, 30% se dizem leitores de ficção e 16% de poesia; dos 35 aos 49, 24% interessam-se por ficção e 14% por poesia, e quando se chega a faixa dos que têm mais de 50 anos, apenas 18% leem ficção e 10%, poesia. A pesquisa Retrato da Leitura no Brasil chegou a conclusões semelhantes ao indicar que o leitor mais comum tem entre catorze e dezenove anos de idade (45% do total de entrevistados) (INAF, 2003, p.39).

De acordo com os autores Santos, Marques Neto e Rösing (2009, p.14), a escola brasileira ultimamente tem sido depositária de acervos de livros de boa qualidade para uso de professores e alunos, mas:

Esse cenário, pode-se dizer, se deve, em grande parte, ao fato de professores, dirigentes da escola, responsáveis por biblioteca escolares e municipais em número não definido, mas amplo, não estarem preparados para reconhecer a riqueza que esses materiais representam, nem de avaliar o quanto podem contribuir para a construção da interioridade daqueles que tiverem a oportunidade de manuseá-los. Não consideram o ato de ler como um processo de significação de textos representativos de distintos gêneros textuais, entre os quais assumem importância ímpar os literários. Conseguem viver e sobreviver nos diferentes grupos a que pertencem sem terem consciência da necessidade de interpretar o que subjaz às linhas, nas entrelinhas, para se apropriar de ideias que possam contribuir significadamente no processo de constituição do sujeito enquanto leitor e, conseqüentemente, do cidadão leitor.

O gosto pela leitura não é um dado natural, mas algo que se aprende e, sendo assim, a escola participa necessariamente desse processo.

3 VIAJANDO PELO LIVRO

As leituras nos permitem ser muito mais que simples espectadores, ao lermos somos cúmplices do autor, dando-nos a oportunidade de imaginar tudo aquilo que o autor escreveu e nossa mente e nossa imaginação vão muito além daquilo. Nosso sistema educacional oferece condições difíceis aos professores, tendo eles que lecionar nos três períodos, fazendo turnos extras, além de passarem horas no trânsito, chegando em casa muito cansados e tendo que corrigir provas e ainda preparar a aula do outro dia. Com isso, não têm tempo para ler e não transmitem aos alunos o prazer da leitura, mas sim a obrigação de ler.

Hoje em dia, com a tecnologia avançada, complica-se mais o desenvolvimento do hábito de ler livro, pois os computadores, a televisão e, principalmente, o celular chamam mais atenção das crianças e adolescentes do que um livro. Mas a tecnologia deveria ser usada a favor do gosto pela leitura. Até porque o livro é um mundo cheio de atrações e que leva a um mundo fora do real. O interessante para crianças e adolescente é que eles possam escolher o que ler, ou seja, o que mais chama a sua atenção para a leitura e essa escolha pode ser mediada pelo professor que, antes de tudo, precisa ser leitor. Há alguns gêneros que parecem entrar em nossa mente de forma mais suave e intensa e, às vezes, esses gêneros são considerados a literatura menor, o que é uma injustiça.

A literatura do século XIX é a narrativa, a consolidação da ficção em prosa, quando se firmou o romance e o conto como formas de contar uma história, esse tipo de literatura começou por dominar a escrita. A Inglaterra foi o país que mais produziu grandes escritores no século XIX e a maioria mulheres.

No mundo vertiginoso em que vivemos, é preciso desligar alguns botões, se desligar do mundo, antes de sentar para ler qualquer literatura do século XIX. Basta uma pequena dose de entrega e generosidade e pronto, quando menos se espera descobre-se que se está fisdado, preso dentro do livro, dentro da história. Alguns livros no começo parecem nos assustar, assim como quando pegamos um diamante bruto até o lapidarmos e transformá-lo não se vê a sua beleza, com o livro, não basta apenas ler duas ou três páginas e já falar que não gostou, não se começa uma aventura assim, mas com intensidade e, no embalo, quando se vê, já se encontra totalmente preso àquela aventura.

Há livros que parecem ter um dialeto próprio, que primeiro é preciso entender, decodificar para depois poder mergulhar em seu universo, que muitas das vezes é espetacular releva muita coisa inacreditável. Mesmo que os clássicos que ficam na estante sejam difíceis, eles sempre nos ensinam algo novo, e podem ser inesquecíveis de ver e que, mesmo do seu

modo, chamam a atenção de quem está lendo.

Há controvérsias em relação ao hábito de ler dos brasileiros nos nossos dias, pois há quem diga que estes têm mais acesso aos livros por conta dos avanços tecnológicos, porém discute-se a qualidade da literatura consumida ou mesmo se se trata de literatura ou de outros tipos de textos.

As livrarias ainda exercem fascínio em muitas pessoas por toda parte do mundo, seja apenas para visitá-las por se constituírem em ambiente aconchegante para muita gente ou por serem famosas ou ainda bonitas.

Em relação ao que chamamos de “sebos”, lojas que vendem livros usados ou raros, há muitos leitores apaixonados por eles. Livros que já foram usados e já tiveram outros donos, passando por outras mãos desconhecidas, têm uma personalidade que os novos não têm, trazem impressões e expressam as dores, alegrias, esperanças e inquietações de seus antigos donos. Trazendo neles, às vezes, nomes, uma data, uma dedicatória. Nos antigos pode ter escrito os nomes e dedicatórias à caneta-tinteiro, com caligrafia delicada e floreada de outros tempos que hoje só se acha em convites de casamento. Uma personalidade também nos livros são os cheiros: se o livro for limpo demais, muito arrumado, não tem graça, percebe-se que quase ninguém o leu, já se for um livro com folhas amassadas, com marcas, isso torna mais interessante a sua leitura. Não importa a quantidade de livros que se lê, o que realmente importa é o conhecimento que se adquire e o prazer que se tem com cada leitura e a sensação de que se está lendo aquele livro como se fosse o último livro.

4 LITERATURA NA ESCOLA

A questão de a literatura clássica ser vista como complexa tem tornado o público jovem mais afastado dela. Essa crença estabelecida pelos adolescentes tem ocasionado diversos problemas nas escolas.

Os textos clássicos têm humanizado o ser desde os tempos antigos até o momento. Porém os estudantes não têm essa visão. Brito et al. (2014, p.48) declaram:

Literatura é o sentimento do homem. Literatura é o homem em si e, por isso, não é possível viver sem ela. Quanto antes o aluno entender isso, mais rápido ele irá se adaptar à leitura. Literatura Clássica em si é a representação do ser humano, através dos mitos e histórias que tentam desvendar os mistérios da vida. Quando o aluno tem consciência disso, torna-se mais interessante para ele estar em contato com essa leitura no seu dia a dia.

O autor dos textos literários cria uma imagem de fantasia para se comunicar com o leitor, assim este participa das ilusões elaboradas e compreende a sensibilidade aspirada por

quem escreveu. Apesar de ingressar nesse mundo de ilusões, o leitor não se desloca da realidade, apenas deixa sua imaginação fluir. Dessa forma, o clássico leva o leitor a refletir sua vida pessoal e buscar novos conhecimentos sem distanciá-lo do que é real. O leitor também pode penetrar no mundo do personagem sem distanciar-se do seu próprio mundo.

Zilberman (2008) afirma que o texto literário, quando apresentado em sala de aula, pode solidarizar os seus leitores servindo de meio para manifestação pessoal e autoafirmação do usuário, fazendo com que o estudante se sinta mais seguro com suas próprias experiências.

No mesmo escrito, a autora também se posiciona na relação de fantasia estabelecida pelo autor para com o leitor nas obras:

A leitura acontece quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional. O resultado é a fruição da obra, sentimento de prazer motivado não apenas pelo arranjo convincente do mundo fictício proposto pelo escritor, mas também pelo estímulo dado ao imaginário do leitor, que assim navega em outras águas, diversas das familiares a que está habituado (ZILBERMAN, 2008, p. 18).

Diz mais ainda:

É, contudo, condição básica de relacionamento entre os homens, porque faculta a expressão de seus dramas e das soluções possíveis. A criação artística, nesse sentido, assume papel preponderante, porque, operando a partir das sugestões fornecidas pela fantasia, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas; logo, configura-se também como ponto de partida para o conhecimento do real e a adoção de uma atitude libertadora (ZILBERMAN, 2008, p.20).

Nesse sentido, a leitura dos clássicos literários traz ao leitor uma vivência completa, de forma que enriquece seu conhecimento de mundo. Ainda que os clássicos não queiram ensinar nada a quem lê, eles acabam transmitindo seus valores éticos e morais para os leitores. Após essa leitura, são encontradas muitas ações socializantes e democráticas influenciadas pela leitura de clássicos.

4.1 Por que deve se ler os clássicos?

Em *Por que ler os clássicos*, Calvino (1993) considera que um grande livro, atualmente, não é um prazer extraordinário para a juventude, estes sempre relacionam os livros com experiências particulares. Já os adultos apreciam melhor os clássicos, isso se deve à maturidade conquistada por eles.

Ler uma obra clássica pela primeira vez é comum entre os jovens, isso traz uma boa apreciação se for lida em um bom momento. Por outro lado, aos adultos é possível a releitura dos clássicos. O que é bom deve ser relido, principalmente se houver amadurecimento, pois

assim a obra será mais contemplada e analisada.

Ao ler uma obra literária, o leitor pode perceber que aquilo que está escrito no texto é algo que ele já viu, são traços de sua vida marcados e familiarizados pela literatura. É como se o leitor já tivesse vivido ou lido este determinado livro, mesmo lendo-o pela primeira vez, é uma espécie de releitura dos clássicos, independentemente da época em que ele foi produzido, antigo ou moderno, sempre tem algo com o qual se identificar. Isso se deve à bagagem cultural que o indivíduo possui.

Fazer a releitura de uma obra é ter o propósito de uma nova interpretação da ideologia estabelecida pelo escritor no texto. Observar e questionar a visão de mundo descrita pelo contexto é uma nova forma de compreender o livro.

Clássicos são aqueles livros inesquecíveis, que nunca terminaram de dizer aquilo que tinha para ser dito, que despertam a ânsia de reler. Os adolescentes devem lê-los para que jamais esqueçam os valores presente, graças à afinidade estabelecida pelas obras literárias e para que, no futuro, as queiram ler novamente.

Os clássicos geram muitas críticas, tanto positivas quanto negativas, porém tendo eles enorme relevância, estas são repelidas para longe, tamanho é o conteúdo neles desenvolvido.

Ao lermos um clássico que já conhecemos, que é muito comentado, analisado e divulgado, pensamos que já o conhecemos plenamente, entretanto, descobrimos novos conhecimentos a cada vez que o lemos. Como Calvino. (1993, p.12-13) discorre:

Naturalmente isso ocorre quando um clássico “funciona” como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. Se a centelha não se dá, nada feito: os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola.

O “seu” clássico, descrito acima, é aquele com o qual a pessoa se identifica, que contém trechos que fizeram e fazem parte de sua vida pessoal. Pode-se dizer que é aquele que define o próprio leitor, é a verossimilhança estabelecida entre leitor e leitura literária. O “seu” clássico não lhe é indiferente, ele é fundamental para que o leitor descubra quem ele é e aonde chegou até o momento da leitura.

Quem lê um clássico antigo e depois lê um moderno, sem saber de sua genealogia, descobre logo qual é o ascendente, simplesmente porque “um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos” (CALVINO, 1993, p.14).

Quem lê os clássicos não deve lê-los pensando que podem servir para qualquer coisa,

mas sim porque eles são melhores do que aqueles que não entram na categoria clássica.

4.2 Hábito de ler já consolidado

Os alunos das escolas enxergam o ensino da literatura como uma atividade monótona, desinteressante, difícil. Segundo Barbosa (1994, p. 11):

Não é possível fazer com que, em qualquer faixa etária, o aluno leia e possa ler MACHADO DE ASSIS, quando se passa para ele apenas o pseudo filosofante MACHADO DE ASSIS, aquele autor que bancava o sério e era da academia Brasileira de Letras. É preciso mostrar-lhe o MACHADO moleque, brincalhão o tempo todo; aquele que, ao falar de uma moça manca, em Memórias Póstumas de Brás Cubas, acaba chamando-a de “A Vênus Manca”, o que é de uma crueldade, mas de uma brincadeira extraordinária. É preciso mostrar o MACHADO que brinca com as palavras, transforma os significantes- e não apenas transmite significados, muitas vezes tediosos. O ciúme, por exemplo, é um topo literário inteiramente envelhecido. Interessa, no entanto, o modo pelo qual MACHADO, em Dom Casmurro, foi capaz de criar Capitu e dizer a cerca de seus olhos de ressaca. Este é o escrito, aquele que trabalha com a linguagem, que estabelece níveis de significantes que serão importantes depois para se tirarem outros significados- e é isso que vai determinar a sua perenidade.

Diante dessa afirmação, pode-se citar Silva e Mazote (2011, p.52):

No entanto, como se vê, na escola, cabe ao professor combater o preconceito contra a literatura erudita. Ela deve deixar de abordar o texto literário como se fosse um monumento, algo sacralizado e utilizar metodologias que leve o aluno a ser envolvido por ela, na articulação ou ainda na escavação da linguagem para redescoberta de novos sentidos, na construção e reconstrução dos significantes da palavra, a que nos humaniza por meio do seu significado.

Com essas palavras, entende-se que o professor deve combater essa resistência do aluno em ler literatura. Mas, como ter essa ação se o docente é controlado pelos materiais apostilados das escolas públicas e privadas? Cabe aí, uma mudança total na educação, isto é, uma mudança no papel do professor, organização dos currículos e o papel da escola diante desse problema.

Para atestar ainda mais sobre esse assunto, Cosson (2007, p.23) afirma que:

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social, e como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Nas palavras de Antonio Candido, o papel do escritor e o da obra literária só se completam a partir da ação recíproca entre estes e seus leitores:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem esse é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2010, p. 84).

Ou seja, o aluno só desperta para o prazer de ler clássicos a partir do momento em que ele e o livro atuam um sobre o outro, isso por gostar de ler e não por obrigação. Diante da obra literária, é preciso permitir ao aluno vivenciá-la, decifrá-la, aceitá-la ou mesmo rejeitá-la.

Para um leitor iniciante, assim como quando criança, a mãe ou os responsáveis leem contos de fadas ou outras histórias destinadas ao público infantil para que seu filho adquira esse hábito de leitura de acordo com sua faixa etária e desenvolvimento, na escola não deveria ser diferente. Para ler e entender uma obra clássica, o aluno deveria estar maduro por ter tido alguém que o guiasse no caminho da literatura, assim, como a mãe ou os responsáveis, o professor se torna também ele responsável por esse ato. Lembrando que, todos nós temos direito à literatura e, para que isso ocorra, é necessário que o professor seja também um professor-leitor, caso contrário, como alguém que não lê faz com que o outro leia?

Scurciatto (2011, p.135) faz uma abordagem sobre a literatura onde afirma esta que deve fluir com liberdade:

A literatura, na escola, assim como na vida, tem de fluir com liberdade e, por assim, deve-se ter o cuidado de, na ânsia de ensinar, não empobrecer a arte. É claro que as informações que a literatura possa trazer são importantes, mas isso é o de menos. O principal é a fantasia que, ao nos nutrir de coragem, leva-nos a transformar o mundo.

Ela acrescenta ainda sobre a formação de professores que:

A escola prega a necessidade de desenvolver o hábito da leitura em seus alunos, mas em sua maioria, seus professores, coordenadores e diretores não possuem. A formação dos professores não lhes dá oportunidade de contato com a experiência estética. Nessas condições, acham que podem viver sem literatura. Não têm de que falar com seus alunos, pois seu contato com os textos literários é raro. Então as políticas de incentivo à literatura são elaboradas por quem não lê e, muitas vezes, por quem não gosta de ler e até mesmo não se envergonha de o dizer. (*Idem*).

Tudo tem seu tempo, acontece em sua devida hora e o hábito de ler, principalmente literatura, não é diferente. Lajolo (1998, p.53) afirma que:

Entre as primeiras providências ao alcance do mestre, uma é assumir com os alunos, perante o texto, uma perspectiva que o violento o menos possível. Uma perspectiva que respeite sua natureza específica de texto, qual seja, o constituir ponto de encontro entre autor e leitor. [...] Nem por ser professor pode o mestre abandonar ou deformar sua posição de leitor. Leitor privilegiado é verdade, mas sempre leitor [...] O privilégio da leitura

domestre decorre do fato seguinte: geralmente, a leitura do leitor maduro é mais abrangente do que a do imaturo. [...] é maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos.

Como afirmado anteriormente, ler e principalmente gostar de ler é algo que se aprende e, sendo assim, é algo que se ensina, portanto o professor Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento da leitura de seus alunos. É preciso que se traga a leitura para dentro da sala de aula e se ponham livros à disposição desses alunos. Antes de tudo isso é imprescindível que o professor seja leitor e tenha gosto pelos livros, quem sabe seus alunos o imitem.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se então que clássicos, as famosas obras bem escritas que passam para a posteridade, não são somente uma forma de entretenimento, são também fonte de conhecimento para o ser humano. É a literatura quem dá o poder de expressão, faz despertar em nós coisas que estavam adormecidas, como sentimentos e lembranças. A leitura é a chave para o cidadão crítico e como tal deve ser buscada. A literatura, considerada um bem cultural a que todos nós devemos ter direito de acesso, propicia ao indivíduo um melhor desenvolvimento intelectual e humanístico. As obras clássicas devem sim ser lidas pelos jovens, porém, apenas depois que estes já tenham desenvolvido o gosto pela leitura com livros lhes sejam mais agradáveis. O despertar para o gosto de ler, principalmente livros literários, não é fácil, ainda mais se a leitura for vista como uma obrigação ou porque “vai cair no vestibular”, esse é um caminho longo a ser percorrido.

Mesmo com a relevância do ato de ler, os alunos não o praticam como deveriam, não se interessam tanto pelo que está ligado à literatura e esse foi o problema discutido nesse artigo, a partir de como o professor aborda o ensino literário em sala de aula. Seria obrigatória a indicação de leitura das obras clássicas aos alunos antes deles terem adquirido o gosto pela leitura de literatura?

O que se percebeu foi que não é só a resistência dos discentes que dificulta esse caminho, mas a metodologia dos professores que ensinam literatura também. Isso pode ocorrer devido aos nossos currículos escolares, ou seja, os docentes são obrigados a cumprir o conteúdo de tal maneira, controlados pelos materiais seja das escolas públicas ou privadas, sem poder “desviar” o caminho, melhor dizendo, têm sua liberdade de escolha das obras tolhida pelo currículo e a cobrança dos vestibulares.

A leitura precisa ser algo prazeroso, ainda mais que hoje em dia, com a tecnologia

avançada, complica-se mais o desenvolvimento do hábito de ler livros, pois os computadores, a televisão e, principalmente, o celular chamam mais atenção das crianças e adolescentes do que aqueles.

Quando se trata do desenvolvimento do hábito de leitura, impor ao aluno que ele deve ler tais obras clássicas porque “cairão” no vestibular ou na prova, sem mostrar o lado da fruição, sem indicar a leitura certa para cada nível de ensino é o que implica essa resistência de por que se deve ler os clássicos já, entendendo *já* como nos primeiros anos do ensino fundamental II.

Ao falar sobre “é dever do professor” propiciar esse ensino prazeroso da literatura para os alunos, é primordial que o docente esteja preparado para esse tipo de situação, é necessário que o professor saiba fazer seu caminho sozinho para depois apontar caminhos aos seus alunos sem empobrecer o processo de escolha desses caminhos.

Contudo, o aluno deve deixar de pensar que a literatura é um ensino sacramental, dificultoso e chato, mas também em outra vertente, é necessário que o professor saiba até que ponto seus alunos estão preparados para esse tipo de leitura, qual a idade de amadurecimento dos discentes para saborearem as obras clássicas, ou seja, é cabível que haja uma mudança perante as orientações curriculares das escolas, para que assim o aluno possa enxergar o texto literário como criativo e dinâmico quebrando essa resistência já no ensino fundamental diante desse tipo de leitura. Esta mudança não é papel só do professor ou muito menos do aluno, é do professor, da família, do aluno e da escola. A iniciação à leitura pode ser feita com livros mais agradáveis ao gosto dos jovens alunos e, somente mais tarde, é que os clássicos devem ser-lhes apresentados, pois nesse momento o hábito de ler já estaria consolidado.

WHY DO YOU READ THE CLASSICS ALREADY?

ABSTRACT

The initiation of reading in many young students is by presentation of classics and that it "fall" in the vestibular. Is this the best way to arouse students' interest in reading today? It is not that what you have noticed in the classrooms of public or private schools. These classics are not only a form of entertainment, are sources of knowledge. Observe the world view described by context is a way to understand the book. Reading a classic work for the first time is common among young people, it brings a good appreciation if it is read at a good time. A good book should be re-read, especially if there is maturity of the reader, so the work will be better contemplated. This article intends to discuss the role of literature in school grades, studying why school students have to read classic since early, understand their resistance to read classics and how these classics are presented to them. How these literary notions contribute to the awakening of the pleasure of reading? It's necessary to make clear that this article does not report any criticism of classical literature but as such, works can be more pleasing to the students, since the literature is considered a cultural asset that leads the reader

to a better performance reflecting in his human and professional formation.

Keywords: Literature. Classic Literature. Reading.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Os números da cultura. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil:** reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Ação Educativa; Global, Instituto Paulo Montenegro, 2003.

BARBOSA, J. A. **Literatura nunca é apenas literatura.** São Paulo: FTD, 1994.

BRITO, C. A. et al. Literatura clássica: os desafios para incentivar esse tipo de leitura. **Revista Crátilo**, v.7, n.1, p. 44-57, ago. 2014, p. 48. Disponível em: <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/37355/Literatura++Cl%C3%A1ssica++os+desafios+para+incentivar+este+tipo+de+leitura.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 11.ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Ouro sobre Azul, 2010.

COSSON, R. **Letramento literário:** teórica e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional). **Um diagnóstico para a inclusão social pela educação.** São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2003. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5WoZxXFQTCRYThfR1Y2VHp1SzQ/vie>>. Acesso em: 20 set. 2016.

LAJOLO, M. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E.T. (Org.). **Leitura:** perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SCURCIATTO, E. I. “No princípio era o professor-leitor”. In: SILVA, H. M. M.; MAZOTE, M. C. S. G. **Educação em debate:** saber docente e abordagem da prática pedagógica. São José do Rio Preto, São Paulo: Inteligência 3, 2011.

SILVA, H. M. M.; MAZOTE, M. C. S. G. **Educação em debate:** saber docente e abordagem da prática pedagógica. 1. ed. São José do Rio Preto, São Paulo: Inteligência 3, 2011.

SOARES, A. **Minidicionário da língua portuguesa.** 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. In: **Revista Via Atlântica**, n. 14, p. 18, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>>. Acesso em: 30 jul. 2016

Recebido em 30 de janeiro de 2017.

Aceito em 18 de setembro de 2017.